

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Agosto de 2021

Carta Mensal Ago21 | O Brasil de hoje com os desafios de sempre!

Os desafios de um país com dimensões continentais como nosso sempre serão imensos. É assim há tempos! É como ter que manobrar um transatlântico a boreste ou a bombordo em uma represa. E não basta apenas a “habilidade do prático” nem tampouco as condições do tempo. Em se tratando de Brasil, “o tempo abre e fecha” quase que na mesma fração de segundo. Tudo ganha contornos com alta complexidade, e resolvê-los muitas vezes não é tarefa de fácil execução. E cada vez mais será preciso muita habilidade, resiliência, fé e esperança no porvir, para encararmos todas essas contendas que surgem, e muitas vezes, sem prévio aviso. E diante deste contexto, caros(as) leitores(as), o ponto de partida da nossa Carta mensal será justamente aqui, a nossa *Pátria mãe gentil, Brasil*.

E por falar em desafios, vamos logo falando mais uma vez “dela”, a inflação, que parece que veio mesmo para “ficar por aqui” por mais tempo que o imaginado. Assemelha-se até à “sogra que chega na sua casa de mala e cuia, sem avisar”... não vai embora nunca mais! Brincadeiras à parte, a inflação vem tomando corpo mês após mês. Mesmo com os apertos seguidos na taxa SELIC, parece que “arrefecer” não está nos planos “dela”. Ao menos por ora! E basta sair de casa, colocar os pés na rua, que já se nota imediatamente. Respirou, tá mais caro. Conforme dados divulgados no mês anterior (julho21), a inflação medida pelo IPCA foi de 0,96%, a maior para o mesmo mês desde 2002. Com isso o indicador já acumula alta de 4,76% no ano e 8,99% no acumulado de 12 meses. E entre o “grupo dos culpados”, citamos alguns: *i)* habitação (+3,10%), sendo que energia elétrica foi responsável sozinho pela de alta de 7,88%, *ii)* transportes teve alta de +1,52%, pressionados por combustíveis e preços de passagens aéreas, *iii)* artigos de residência +3,88%. O custo de vida do brasileiro que “sua a camisa todos os dias”, não está mole não!

E no enfrentamento, temos o Banco Central, que vem subindo a “dosagem” do aperto monetário mês após mês. Com a quarta alta consecutiva, a autarquia decidiu no início de Agosto elevar em +1% a taxa SELIC, atingindo agora o patamar de 5,25% a.a.. E já deixou praticamente “engatilhado” mais uma alta de 1% (ou 1,25%...) na reunião de setembro. A propósito, a mediana das projeções dos analistas de mercado, conforme dados do Boletim FOCUS, já apontam uma SELIC para o final do ano na casa de 7,25% a.a. Mas pelo “andar da carruagem”, não causará surpresas se o IPCA se aproximar da casa dos 8% a.a.. E diante deste cenário, “abrimos aspas” para o Presidente do BC, Roberto Campos Neto: *“O Banco Central possui instrumentos suficientes para fazer a inflação recuar em um horizonte relevante”*. Assim esperamos que de fato possua mais que instrumentos para freá-la! E a propósito, será que os aumentos da taxa SELIC nas doses iniciais de 0,75% se mostraram pouco eficazes? Deixemos a interrogação no ar.

Em nossa “modesta e humilde” opinião, o que vem ocorrendo é que, após um grande período de isolamento social e com o avanço da vacinação, “o atraso” precisa ser tirado o mais rápido possível, para tudo e para todos. Em outras palavras, a forte retomada da demanda por serviços, por exemplo, tem contribuído fortemente para o aumento de preços. Sem contar ainda que não temos um adequado reequilíbrio nas cadeias de produção de matérias primas e de outros insumos. Além de ser essa uma “equação indigesta”, é também um choque nas expectativas de uma retomada econômica mais rápida e adequada. Adicionalmente, essas sequentes altas nas taxas de juros, encarecerão e muito as dívidas públicas, gerando mais aperto fiscal, e inibindo naturalmente o aumento no consumo, que vinha até então em uma crescente interessante. Além disso, o momento está altamente contaminado pela politização existente entre os vários poderes desta nação! Reunir executivo, legislativo e judiciário neste momento, para atuarem em prol das reformas que o país precisa, parece ser pura utopia, para não dizer impossível! E aí lhes pergunto: “Será que o Brasil estará sempre fadado a ser o país dos “voos de galinha”? Torço sinceramente para que não.



E como de costume, muitos outros assuntos também ganharam “flashes” no decorrer do mês, e entre alguns selecionamos: *i)* Reforma do IR e Privatização dos Correios, *ii)* Divulgação de dados do PIB, Arrecadação Federal e Dívida Pública, *iii)* Índice de Confiança Industrial, *v)* Dados de Emprego. Tentaremos discorrer o mais sucintamente sobre cada um deles, e assim trazer a luz da informação, o que de mais relevante ocorreu e fora divulgado.

E assuntos como Reforma Tributária e Privatizações tendem a ser mais “esticadas e acaloradas” do que o normal, pois envolve interesses dos mais variados e principalmente porque atinge o trabalhador brasileiro em cheio. E no formato inicial proposto, haverá segundo alguns parlamentares prejuízos diversos, principalmente nas arrecadações estaduais e municipais. E com crises institucionais instaladas, com atrasos recorrentes na discussão e sem vontade política, nada avançará e sairá do papel, e trará consigo por exemplo, “reveses diretos ao mundo empresarial”, pois indefinições e incertezas ameaçam os investimentos que o país tanto precisa. Logo, o que temos no momento é mais dúvidas do que certezas sobre a evolução destas reformas, e tudo indica que um desfecho em 2021 está longe de ocorrer. E como sabemos, 2022 teremos as mais “calorosas das eleições” dos últimos anos. Daí pode se imaginar o que vem pela frente! Ou tentemos imaginar.

Em dados divulgados, pertinentes ao *PIB* do 2º tri/21, houve variação negativa em torno de 0,1%, praticamente estável em relação ao 1º tri do ano, contudo ainda está 3,2% abaixo do melhor resultado na série histórica, verificado no início de 2014. E nos últimos quatro trimestres, acumula alta de 1,8%, segundo informações do IBGE. No quesito arrecadação federal, tivemos o registro do maior valor da série para o mês de julho, com a soma chegando ao montante de R\$ 171,3 bilhões, conforme divulgação da RFB(Receita Federal do Brasil). O resultado representa um aumento de 35,5% na comparação com o mesmo mês de julho de 2020. No acumulado do ano, as cifras arrecadadas já ultrapassaram a marca de R\$ 1,0 trilhão. Cá entre nós, valores que fazem sorrir qualquer ministério! Sobre a Dívida Pública Federal no mês de julho, esta se aproximou da casa de R\$ 5,4 trilhões, alta de 1,24% em relação ao mês anterior, e segundo dados do Tesouro Nacional, dois foram os principais fatores, *i)* alta do Dólar, impactando o custo sobre o estoque da dívida federal externa e *ii)* emissão de novos Títulos do Tesouro em valores maiores do que o volume de resgates (+R\$16,1 bilhões no *net*).

Em paralelo a isso tudo, o Índice de Confiança do Empresário Industrial, vai se moldando ao panorama atual da economia. E em dados divulgados pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), o indicador atingiu o maior patamar do ano, batendo a marca de 63,2 pontos. Lembramos que o indicador varia de 0 a 100, sendo que 50 pontos é a linha que divide maior confiança e a falta de confiança. Se pode ser considerado um ponto de euforia ou não cada um faça sua análise, mas já são 13 meses consecutivos de aumento do referido indicador. E na esteira dos fatos, tivemos dados divulgados pelo CAGED (*Cadastro Geral de Empregados e Desempregados*), que apontaram a criação 316,5 mil novos empregos formais em julho, acima da expectativa inicial de 250 mil vagas. O setor de Serviços foi o responsável pelo maior número de vagas criadas, algo ao redor de 127 mil, seguido por Comércio com 78,8 mil vagas. Pouco a pouco, o país vai avançando neste quesito, mas o desemprego infelizmente ainda atinge 14,4 milhões de brasileiros.

Traremos agora, outros pontos também oportunos, os quais discorreremos a seguir:

- 1) O Governo Federal encaminhou a PLOA(Projeto de Lei Orçamentária Anual de 2022), e a referida proposta orçamentária prevê inicialmente déficit primário da ordem de R\$ 50 bilhões, considerando inicialmente gastos em torno de R\$ 89,1 bilhões em Precatórios e R\$ 34,2 bilhões para o Programa Auxílio Brasil, entre as principais despesas;
- 2) No pujante “mundo do agronegócio” em julho, a Balança Comercial do setor registrou de superávit de US\$ 10,1 bilhões segundo informou o IPEA(Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). O complexo soja – que



inclui soja em grão, farelo e óleo - segue liderando as exportações do setor e, no referido mês, o aumento de 21,6% no valor compensou a queda de 8,8% no volume

A safra de grãos (2020/21) está prevista em 254 milhões de toneladas, 1,24% menor que a anterior conforme a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento);

3) A demanda por crédito cresceu 9% em julho, a terceira alta seguida, e 34% superior ao registrado em dezembro de 2020. Em termos setoriais, destaque para Indústrias de Alimentos, Higiene Pessoal e Embalagens. E segundo dados do Banco Central do Brasil, os Bancos ainda concentram 80% do volume concedido de empréstimos;

4) Dados divulgados sobre o mundo de FIDC's continuam impressionando, quer seja pelo ritmo de crescimento ou pelo patrimônio líquido alcançado. Segundo dados divulgados pela TOLON ao final de julho, o PL consolidado dos Fundos se aproximou da marca de R\$ 200 bilhões. Já são quase 1.200 Fundos ao todo;

5) O Brasil atingiu a marca de 128 milhões de vacinados, acima de 18 anos, o que representa 80% da população nesta faixa, segundo dados do Ministério da Saúde. Estimam que no mês de setembro atingirão 100% desta faixa da população.

Finalizado a dissertação acerca do noticiário interno, vamos agora adentrar aos assuntos que porventura mereceram destaques em outros continentes, neste “mundão afora”. Bem verdade que alguns dos assuntos é quase um “repeteco”, mas focaremos de fato naqueles que mereceram em nosso entendimento ser destacado.

E nossa conversa, como não poderia ser diferente, começa pela terra da Disney. Na maior economia do planeta, EUA, olhos continuam atentos para vários indicadores, passando por inflação e compras de ativos pelo FED (Federal Reserve) até dados sobre a Balança Comercial e Empregos. Então vamos lá!

O Índice de Preços ao Consumidor (CPI em inglês) registrou crescimento de 0,5% em julho na comparação ao mês anterior, e de +5,4% em relação a julho de 2020. A alta já era esperada e veio em linha com as estimativas locais. A rápida retomada econômica e o descompasso ainda existente na cadeia de fornecimento em alguns setores respondem em grande parte pelo aumento da inflação local. As autoridades monetárias locais vêm olhando todos esses movimentos com “lupa”, no melhor estilo *Sherlock Holmes*¹. E diante disso, já há um claro comunicado de que ainda em 2021 a “festa” em prover liquidez aos mercados pode estar perto fim, e que poderão começar a reduzir o programa de estímulos de compra de ativos, o chamado *tapering*. Assim, gradativamente iniciar o movimento da elevação das taxas de juros. Só nos resta neste momento acompanhar de perto os próximos movimentos “dos comandantes e guardiões” da política monetária da *América*.

Outra notícia relevante e que trará impacto positivo para a economia local americana, foi a aprovação pelo governo Biden junto ao Senado, do maior pacote de infraestrutura realizado em décadas. O pacote da ordem de US\$ 1 trilhão, foi aprovado com base e apoio quase que total por parte dos democratas, inclusive com respaldo de alguns republicanos. Não iremos fazer comparações com a terra brasilis, podem ficar tranquilos! Lá, de fato, “o mundo” é outro. Trata-se sem dúvidas de um ambicioso projeto, cujo objetivo central é criar milhões de empregos (e quiçá garantir a reeleição). Tanto que fora batizado como: “Plano do Emprego Americano”. Ah, querem saber de onde virá a essa “bufunfa” toda? Eu vos direi: i) reutilização de recursos de orçamentos não alocados no combate a pandemia, ii) cortes de gastos e fluxos de receitas futuras.

Outros pontos a mencionar e que cabem destaques:

- 1) PIB americano deve crescer à taxa anualizada 6,5% no 2º tri/21, e no 3º tri/21 algo ao redor de 5,5%;
- 2) O índice de gerente de compras industrial (PMI) registrou 63,4 pontos em julho, ante 63,1 em junho;

Sherlock Holmes¹: Personagem de ficção da literatura britânica, considerado um detetive com todos os predicados para a profissão.



- 3) O Payroll, importante indicador da folha de pagamentos, foi positivo com a geração de 943 mil novos postos de trabalho em julho/, acima da expectativa local;
- 4) A Balança Comercial registrou déficit de US\$ 75,7 bi em junho;
- 5) A produção manufatureira saltou 1,4% em julho21, impulsionada principalmente por produção de veículos;
- 6) Vendas no varejo decepcionaram em julho e registram queda de 1,1% em relação ao mês anterior;
- 7) A maior propagação da variante delta do Covid-19 ainda traz consigo “novas-velhas preocupações” em todos os sentidos, segundo relatos de autoridades de saúde local.

Partimos agora para o velho continente, Europa, e de lá traremos os principais assuntos que em nossa ótica cabe comentar.

Na Alemanha, a maior economia da região do Euro, o índice de preços em julho avançou. O PPI, como é chamado o índice por lá, avançou 1,9%, resultado bem acima do esperado, trazendo preocupações com a escalada da inflação. Dados recentes em relação ao PIB indicam crescimento no 2º Tri/21, e deve situar-se em torno de 1,6%. E a considerar o PMI divulgado por lá, que se encontra na casa dos 60,0 pontos, a economia continua em movimento de expansão, logo, mais pressão inflacionária continua no radar. A taxa de desemprego no país germânico ficou em 5,5% em agosto, segundo dados divulgados pela Agência Federal do País.

Por outro lado, o BCE (Banco Central Europeu) continua “marcando de perto” as condições de mercado e financiamentos, até para sustentar a base de decisão futura para uma eventual redução das compras mensais de ativos que por lá ocorrem também. Em relação às principais economias locais, o sentimento é de que essas devem retornar aos níveis pré-pandemia apenas no 1º tri de 2022, e entendem que até lá, não há riscos de um descolamento maior ou uma alta persistente da inflação. Agora é aguardar o novo pronunciamento das autoridades locais, que deve ocorrer no corrente mês pela Presidente do BCE – Mrs. Christine Lagarde - onde provavelmente indicará quais as medidas serão adotadas para o enfrentamento da inflação, e em relação a continuidade ou não de injeção de liquidez nos mercados, entre outros pontos.

No Reino Unido, onde a conhecida pontualidade britânica é marca registrada, alguns assuntos movimentaram o noticiário local. A Agência Nacional de Estatísticas revelou que o volume de vendas no comércio varejista registrou queda de 2,5% em julho. Inclusive, dados divulgados em agosto indicam queda no PMI local referente ao setor de serviços, algo ao redor de 55 pontos. Por outro lado, os novos casos de Covid (variante Delta) mostraram importantes avanços, com aumento de 10% em uma semana, sendo na Escócia a região com o maior número de casos registrados. Muito embora aproximadamente 63% dos britânicos estejam vacinados, a preocupação com a nova variante tem alarmado as autoridades de saúde local.

E como de hábito, reservamos um parágrafo para falar do gigante asiático chinês. Lá, como tudo é superdimensionado, naturalmente, qualquer movimento reflete de forma relevante nos mercados, nos preços das commodities, etc.

Nos últimos meses, como forma de segurar seus custos internos de produção e por conseqüente seus estoques, a China vem reduzindo as compras de minério sob o argumento citado. Com isso os preços da referida *commodity* tem oscilado e gerado muita volatilidade para mercados emergentes, como o Brasil, grande produtor de minério de ferro. E assim tem seguido o jogo!

Em outra frente, voltada ao desempenho econômico, sempre trazemos aqui dados pertinentes a PMI's, pois entendemos ser este um importante indicador e termômetro para avaliar o desempenho de vários setores de uma economia local. No referido país asiático, o citado índice voltado ao setor industrial caiu de 50,4 pontos em julho para 50,1 em agosto. Já em relação ao setor de serviços, a queda foi mais considerável e saiu de 53,3 em julho para 47,5 em agosto. E em via de regra, a priori, PMI's abaixo ou pior do que esperado sempre traz consigo preocupação de desaceleração do crescimento econômico. Em se tratando de China, então, melhor ficarmos de olhos bem abertos, turma!



Mudando de “pato para ganso”, como falamos as vezes, vamos registrar aqui algumas das projeções econômicas, conforme Boletim FOCUS. E este nos mostra:

<i>INDICADORES</i>	dez/21
PIB	5,2%
IPCA	7,6%
IGPM	19%
Selic	7,6%
Dólar	R\$ 5,17

E assim, vamos finalizando mais uma Carta Mensal, a oitava do referido ano.

E como disse um dia meu antigo professor e paraninfo da minha turma de graduação: “Já que pensar dá trabalho, porque não voltar seus pensamentos para algo construtivo e que nos leve a grandes conquistas”. Palavras que se mantêm cravadas na minha memória até hoje. E assim precisamos ser! O negativismo por si só apenas traz malefícios a tudo e todos. Já o contrário constrói uma corrente que vai além e traz consigo a renovação, e junto a isso, coragem e confiança para encararmos de frente a caminhada.

E em tom de despedida, deixo aqui uma frase de um autor anônimo, mas que gosto muito e sempre me inspira: “Dar o seu melhor pode não ser o suficiente para vencer e triunfar... mas será essencial para termos a sensação do dever cumprido dignamente”.

Que possamos nos inspirar sempre, seguir esperançosos por dias melhores e menos incertos!

Obrigado como sempre por sua atenção e leitura, e até setembro!



O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

Fundo rendeu 0,73% no mês ou 173% CDI, o que representa CDI + 3,57%a.a.. O Brave I superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 9,01% (207% do CDI). No ano o fundo já acumula alta de 4,31% (209% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 10,3 milhões, fechando com R\$ 125,7 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 8,5 milhões em 7 ativos diferentes, cuja rentabilidade média ponderada é de CDI + 5,12% a.a. A carteira fechou o mês com 24 ativos e com uma posição mantida em caixa em 5% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 63,6%.

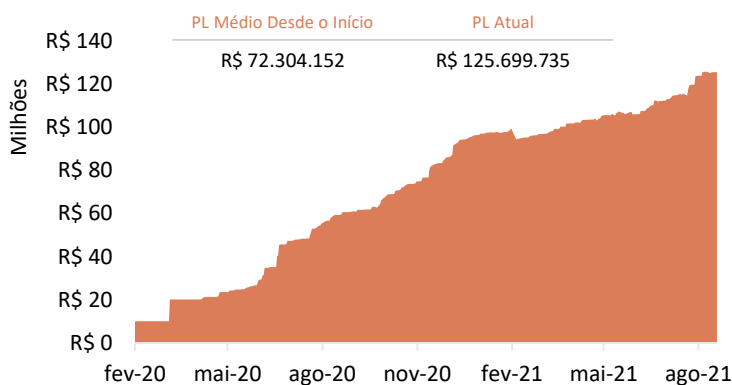
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 71% em cotas Sêniores e 24% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 41,25% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é de 7,6% a.a.) é algo que não oferece muitos riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI+. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

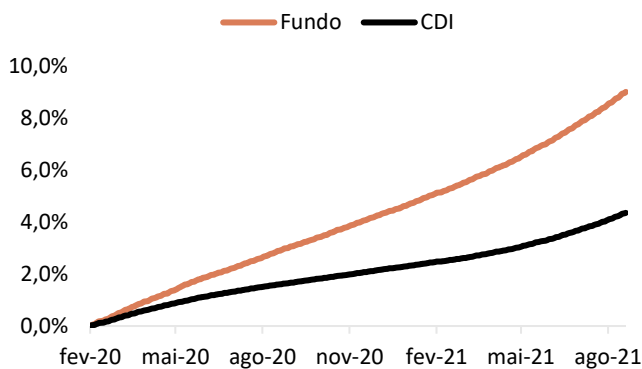
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%	0,49%	0,46%	0,54%	0,59%	0,66%	0,73%					4,31%	9,01%
	% CDI	265%	267%	248%	221%	203%	194%	185%	173%					209%	207%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	125.699.735
Volatilidade	0,079%
Ind. Sharpe	59,0992
Índice de Liquidez	63,6%

2021

O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

O Fundo rendeu 0,85% no mês ou 200,8% do CDI, o que representa CDI + 4,99% a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 13,97% (335% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 4,1 milhões, fechando o mês com R\$ 63,9 milhões..

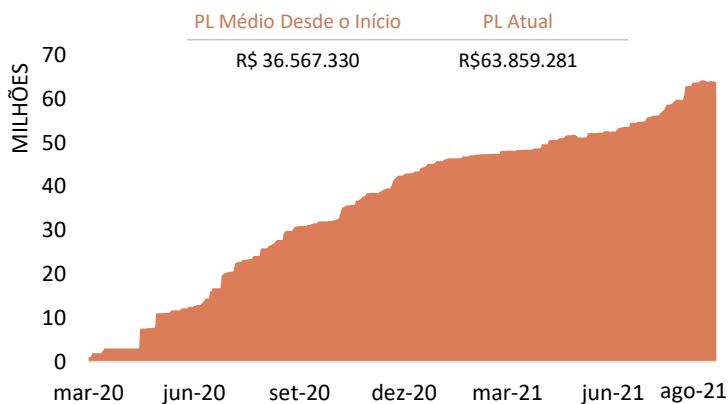
Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 317% do CDI (CDI +12% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 18 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 7,3% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 53,3%.

A carteira do fundo está alocada 40% em cotas Sêniores, 23% em cotas Subordinadas, 29% em cotas Mezaninos, 1% em CRA e 7% em Caixa. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

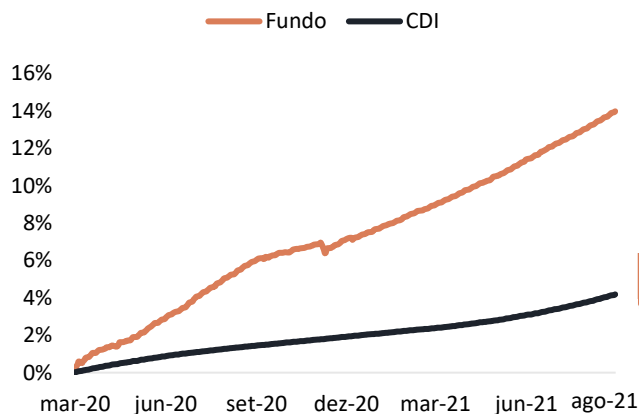
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%	0,72%	0,71%	0,72%	0,81%	0,75%	0,85%					5,86%	13,97%
	% CDI	400%	414%	365%	341%	270%	264%	210%	201%					284%	335%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	63.859.281
Volatilidade	0,55%
Ind. Sharpe	17,89
Índice de Liquidez	53,3%

DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br





Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

